

APRESENTAÇÃO PRESENCIAL - III - PSICOLOGIA E QUESTÕES
CONTEMPORÂNEAS

**ADULTIZAÇÃO PRECOCE E PSICOPATOLOGIZAÇÃO DA INFÂNCIA:
AMEAÇAS CONTEMPORÂNEAS À EXPERIÊNCIA INFANTIL**

Arthur Cortial Carvalho Magalhães (psi.arthurcortial@gmail.com)

Caroline Garpelli Barbosa (cgarpelli@id.uff.br)

Este trabalho objetiva investigar, à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial, os efeitos da adultização precoce e da psicopatologização da infância nas crianças na contemporaneidade. O aparecimento e a ascensão de tais fenômenos epocais revelam um horizonte existencial que, além de pressionar as crianças a corresponderem aos imperativos neoliberais de desempenho, produtividade e performance, patologiza e medicaliza comportamentos infantis não quistos. Neste horizonte histórico adultocêntrico, o brincar e o lúdico encontram-se desvalorizados e cada vez mais ausentes nas rotinas infantis, e, quando aparecem, precisam estar relacionados a algum objetivo ou função pedagógica. Nessa perspectiva, as crianças são interpeladas a serem as mais inteligentes, habilidosas, obedientes e sociáveis, a fim de se tornarem futuros adultos considerados saudáveis, funcionais e bem-sucedidos. Quando elas não se enquadram nessas demandas, isso é identificado como um problema, questionando-se a sua saúde, suas capacidades e a necessidade de

um diagnóstico. Dessa forma, com a suspeita de que os filhos possam ter algum transtorno, os pais imediatamente procuram especialistas para oferecer algum laudo psicológico ou psiquiátrico e tratamento medicamentoso, a fim de “curar” a criança, corrigi-la e adaptá-la à normalidade. Essa conjuntura expressa pela supremacia do modelo biomédico evidencia a medicalização da infância e a prevalência de movimentos existenciais favoráveis a reduzir a experiência infantil à esfera biológica, química e/ou orgânica, desconsiderando o contexto socio-político-cultural em que a criança está inserida, os sentidos que estão sendo articulados naquela existência e o que esse acontecimento revela sobre o modo de se viver neste tempo. A infância não pode ser apreendida a partir de tecnologias biomédicas e o corpo infantil não pode ter sua existência encerrada por instrumentos normativos e cuidados-tutelares que sequer viabilizam espaço para a compreensão dos sentidos expressos pela experiência vivida e pelo possível sofrimento da criança. Por reconhecer a criança em sua alteridade, singularidade e cidadania, o presente trabalho denuncia a adultização precoce e a psicopatologização da infância enquanto fenômenos que reduzem possibilidades, adoecem pessoas, homogeneízam existências e violam o caráter estatutário da infância, acarretando, logo, sofrimento e angústia na experiência infantil.

Palavras-chave: psicologia fenomenológico-existencial; adultização; psicopatologização; criança; infância.